

Onde o medo silencia: Projeto pautado na interdisciplinaridade tendo a arte como base do processo criativo e poética da criança

*Where fear is silent: A project based
on interdisciplinarity with art as the basis
of the child's creative and poetic process*

FILIPPA JORGE*

Artigo completo submetido a 1 de maio de 2018 e aprovado a 9 de maio de 2018

*Brasil, Artista e educadora. AFILIAÇÃO: Universidade Presbiteriana Mackenzie, GPeMC: grupo de estudos sobre mediação cultural. Rua da Consolação, 930, Consolação, São Paulo, Brasil. E-mail: filojorge@uol.com.br

Resumo: O presente artigo pretende apresentar um projeto de trabalho realizado com crianças do ensino fundamental. Partindo da escuta aguçada o projeto tem caráter interdisciplinar usando o fazer artístico como base elaborada dos medos, desejos e silêncios dos envolvidos. O intuito não é sanar os medos de cada um, e sim a partir do seu emergir revelá-los, e vivenciá-los. Visando a autonomia e identidade da criança.

Palavras chave: criança / arte / interdisciplinar / projeto.

Abstract: *The present article aims to present the work project carried out with children in elementary school. Starting from keen listening, the project has an interdisciplinary character using it as an elaborative basis for the fears, desires and silences of those involved. The intention is not from the fears of each one, but from their emergence reveals them, and experiences them. Aiming at the autonomy and identity of the child.*
Keywords: *child / art / interdisciplinary / design.*

Onde o Medo Silencia

O projeto foi elaborado com crianças do terceiro ano do ensino fundamental, faixa etária de oito a dez anos. Visando a criação da autonomia e identidade de cada criança envolvida. Com um caráter experimental, objetivando a compreensão de cada um no processo de aprendizagem e criação de relações humanas. Pois a criança somente apreende se tiver confiança naquilo que é proposto e obviamente lhe trouxer significado. Todo mistério gera curiosidade e esta é a chama do desejo. Foi realizado em uma escola de ensino fundamental da rede municipal, localizada no bairro de Interlagos, na cidade de São Paulo.

Como verbalizar e aflorar o medo, como e porque ele se silencia, onde o desejo se intersecta com o medo, como esses fatores influenciam a aprendizagem e desenvolvimento pedagógico da criança. Como lidar com fatores tão delicados se muitas vezes não queremos sequer tocar nesses assuntos, ao menos que nos deparemos com alguém que nos questione, nos indague. E por fim e não menos importante como à arte e suas múltiplas linguagens de forma interdisciplinar pode ser a grande precursora nesse processo.

A inquietude de cada criança envolvida e uma imensa procura a explicações que se estendem ao entendimento da não pedagogização de suas ações nos espaços que a criança ocupa, mas sim o questionar, pesquisar, escutar, descobrir esse encantador desassossego infantil. Sem, obviamente anular e ou recusar perspectivas de abordagens, pensamentos saberes e palavras já tão incansavelmente ditas. Uma escuta sensível e aprimorada que torna prazerosa a pesquisa e a execução do projeto junto às crianças que participam de forma lúdica e prática, seus processos criativos e poéticos se fundem no fazer artístico em inúmeras formas e linguagens. Também é trabalhada a apreciação e pesquisa de artistas e suas obras. Estas trazem em seus processos o tema de relevância no projeto. Acreditando que a arte tem um forte poder de sensibilizar e abrir espaço para a expressão tanto individual como coletiva das crianças envolvidas, e também a criação da criticidade, ela é à base da pesquisa e do projeto em si.

1. Inquietudes e Desassossegos na Infância

A socialização de uma criança com outras crianças proporciona o estímulo à fantasia, permitindo que ela desenvolva a sua criatividade. E a escola ainda é um ambiente favorável e muitas vezes único para essa prática acontecer. É por meio da brincadeira, do lúdico, e do faz de conta que ela se depara com sentimentos e desejos. A fantasia pode ser utilizada como uma forma de acessar o mundo delas, pois a intimidade e a espontaneidade com a brincadeira do faz de conta leva a criança a uma situação de confiança a qual ela se deixa levar



Figura 1 · Filippa Jorge, Desenhando o medo. Foto-ensaio, 2017. Fonte: própria.

Figura 2 · Filippa Jorge, capa feita pelos alunos, 2018. Fonte: própria.

e, finalmente, percebemos que, com a fantasia e imaginação estimulada pela brincadeira do faz de conta, a criança consegue burlar “os não” do começo, pois, após uma situação de tensão, surge à chance de brincar (sua principal linguagem nessa faixa etária), logo o divertido toma conta da situação.

É a partir da escuta a criança e de um olhar atento e sensível, que devemos basear nossas ações pedagógicas. A criança é um ser investigativo que descobre o novo a cada piscar de olhos, portanto o espaço deve ser dessa forma, estimulador de descobertas, fértil, frutífero.

Essa capacidade de escutar e de se alimentar expectativas recíprocas, que possibilita a comunicação e o diálogo, é uma qualidade da mente e da inteligência, particularmente na criança pequena. (Rinaldi, 2012:126).

Com esse pensamento é que realmente devemos pautar nossas ações pedagógicas e dar a devida importância à escuta dessa criança, pensar de uma forma mais ampla e abrangente, expandindo o campo da “ensinagem” (junção da palavra aprendizagem com o ato de ensinar), pois ambos são processos bilaterais que exigem destreza e muito desejo para que aconteçam, exigem generosidade e humildade, paciência na espera, pois há vidas envolvidas e tratando-se de vidas nada é instantâneo, tudo requer o tempo e o espaço específico de cada um.

Uma criança que é competente para construir a si mesma enquanto constrói o mundo e é, por sua vez construída por ele. Competente para elaborar teorias que interpretam a realidade e para formular hipóteses e metáforas como possibilidades de entendimento da realidade. (Rinaldi, 2012:223).

O projeto surgiu em uma roda de conversa seguida de uma atividade. Peça para as crianças no primeiro dia de aula escreverem seus desejos. A conversa parte da necessidade da criação de vínculos e do exercício da pedagogia da escuta. Na roda de conversa tento deixar claro o significado de desejo como algo que vem da alma, e não somente o desejo material. A partir dessa ideia eles escrevem seus desejos e depositam na urna das possibilidades (uma caixa lacrada com uma abertura para depositar os papéis com os desejos escritos, a qual nominamos na roda de conversa urna das possibilidades). Abro a urna solitariamente, um desejo que vem deles, pois nem sempre querem expor seus desejos de alma. Paralelamente as crianças também escrevem seus desejos materiais, um exercício para ajudá-los a abstrair e desejar com a alma. Todo o processo é feito com muita conversa e escuta, de uma maneira que visa ser bem democrática sempre partindo de decisões consensuais.

Ao me deparar com os desejos de alma percebi que vários tinham ligações com algum medo ou ansiedade. Ao indagá-los por qual razão desejavam isso, grande parte das crianças, citou o medo por trás das situações desejadas. Exemplifico aqui:

“Desejo ser respeitado por que tenho medo de sofrer” M.8 anos

“Ser rico, não posso pensar em passar fome e necessidades” W. 9 anos

“Ter uma casa para morar, não quero voltar para o abrigo” C. 8 anos

“Ter uma família grande, ser sozinho, filho único não é legal” A. 8 anos

“Ter uma cachorrinh de verdade e saúde, para me defender” M.A 9 anos

“Passar de ano e ser inteligente, tenho medo de ficar burro e ter que puxar carroça” V. A 10 anos

Dentro do contexto de cada criança fui percebendo seus medos e anseios, e uma grande dificuldade de silenciar proporcionando assim a escuta da alma. Foi percebido também que muitos medos se pareciam. Então propus termos uma roda dos medos, seguida de uma atividade bastante simbólica de desenhar seu medo, dando corpo e figura a ele. Muitos ficaram receosos, pois não querem verbalizar seus medos, quanto mais incorporá-los, mesmo que fosse à forna de desenho. Percebi então a necessidade de uma atividade de meditação e silêncio na tentativa de acalmar o corpo e a alma aprendendo a se escutar.

Todos os dias ao iniciar a aula realizaram um exercício de silêncio, conduzindo-os a escutas internas, da respiração, do coração, e finalizo propondo um apagamento dos pensamentos para a escuta plena dos sentidos. No começo eles relutaram, mas com a assiduidade do exercício passaram a sentir falta dele. No início da aula muitos pedem para fazê-lo. “[...] Quando retiramos da ação e da fala constantes e colocadas diante do silêncio, encontram um vazio perturbador.” (Trindade, 2017: 120). Desse vazio geralmente emergem medos e desejos. Logo após o silenciar faço a roda de conversa para propor a ação do dia, nessa roda de vez em quando os assuntos que emergiram do silenciar surgem, às vezes tímidos, mas também surgem de forma agressiva. É um momento ideal para discussões coletivas das diferenças e do estar com o outro partindo de tudo aquilo que me incomoda nele. Digo que é um exercício de alteridade. Experimentamos e vivenciamos o outro nesses momentos.

Segundo André Trindade (2016) a dificuldade de atenção e a crescente ansiedade que acompanha a criança pode ser fruto da falta de afinidade com seus movimentos corporais e uma estimulação excessiva. A criança é de certa



Figura 3 · Filippa Jorge, Dobrando o medo. 2018. Fonte: própria.

Figura 4 · Filippa Jorge, transformando o medo em fantoche. 2018. Fonte: própria

forma o tempo todo estimulada a agir e pensar. Estando aí a necessidade do silenciar, aquietar, recolher.

Optamos pela quantidade e não pela qualidade de estímulo. Em virtude desse excesso, a atenção da criança está sempre voltada para fora, ficando os momentos de recolhimento e elaboração prejudicados. (Trindade, 2016: 116).

Ele ressalta que o corpo é um instrumento de organização muito capaz de proporcionar a concentração, se for direcionado a isso através de múltiplos exercícios de conscientização corporal. Ele propõem o enrolamento e o agrupamento como movimentos fundamentais na organização do corpo e da motricidade da criança. Em seguida os movimentos de expansão devem ser executados. A expansão é o projetar, abrir expandir limites e o recolhimento e o seu inverso, silêncio, direcionamento, os dois movimentos devem ser exercitados em harmonia e equilíbrio. Ele propõe também o intercalar a execução dos movimentos de recolhimento e expansão com o silenciar, no início ou final de cada sequência proposta.

Nosso corpo encontra o equilíbrio quando está apto a transitar e funcionar entre diferentes posturas e atitudes. Não há uma atitude melhor que a outra.

A alternância é o objetivo dos exercícios. Em certos momentos a criança precisa partir para o campo da extroversão, da curiosidade, necessita descentrar-se. Em outros, precisa se centrar, necessita da introspecção, que lhe permite maior capacidade de escuta, receptividade e concentração. (Trindade, 2016:117-8)

Percebi que havia muitos medos semelhantes, e isso foi percebido por eles a partir do momento que vivenciávamos os medos de cada um. As formas de vivenciá-los foram diversas e bastante simbólicas. Aconteceram de forma muito orgânica, percebida pelo grupo a intersecção e pluralidade de cada medo trazendo quase um sentido comum ao assunto, como Larrosa (2015:143) nos aponta “[...] o que é de todos é não é de ninguém, o que é comum”. Aquilo que aponta para cada um e simultaneamente para os demais, aquilo que se dá no pensar de cada indivíduo presente no processo sendo pensado de diversas e diferentes maneiras. O que de alguma forma trouxe-lhes mais segurança para enfrentar e verbalizar os medos que se tornaram coletivos na individualidade de cada um. “Prô sabe que eu percebi que todos por aqui e de algum jeito tem medos e ansiedades, isso me faz ter coragem” A. 9 anos.

Como vocês se sentem com o medo, como seu corpo reage, o que acontece com seu corpo o que vocês fazem para não sentir medo? O que vocês gostariam de transformar esse medo?



Figura 5 · Filippa Jorge, plantando o medo, 2018.
Fonte: própria.

Figura 6 · Filippa Jorge, encenando o medo, 2018.
Fonte: própria.

Coletamos as ideias para esse feito: transformar em fantoche (assim podemos manipula-lo da forma que bem queremos); enterrar o medo junto com uma semente (para ele nascer de outra forma); fazer uma capa que nos transforme em super heróis (assim podemos nos tornar fortes e corajosos), fazer uma receita como antídoto para o medo, desenhar e rasgar o papel (picando assim o medo). Dobrar o medo (através da prática de dobraduras), mascarar o medo (confeccionando máscaras), assoprar o medo para longe (bolhas de sabão), moldando o medo (com argila e massa plastica). Leitura e contação de histórias, pesquisas sobre o medo também contribuíram nesse processo.

Depois de recolher algumas ideias do que poderíamos fazer com o medo, entramos em ação. Fazer uma capa para de proteção contra o medo, para criar coragem, se tornar um “herói”. Trouxe para o conhecimento deles um projeto concebido pela artista Rivane, *o nome do medo*. A artista Rivane Neuenschwander, em colaboração com o fashion designer Guto Carvalhoneto, desenvolveram 32 peças entre capas e desenhos. O projeto deu nome à mostra que aconteceu em 2017 no MAR, Museu de Arte do Rio. As obras são resultado de um processo de criação iniciado a partir de oficinas realizadas com crianças de escolas públicas e particulares e de unidades de reinserção social (URS), além de público espontâneo do MAR e do Parque Lage.

A artista se propôs a investigar o medo a partir do olhar das crianças, que foram estimuladas a listar e desenhar seus maiores temores e a construir capas com materiais diversos. Como uma forma de ajudá-las a acolher e se proteger de seus medos. Para a artista, o projeto permite questionar as origens psíquicas e sociais do medo e ajuda a criança na elaboração de seus conflitos e manifeste seus anseios e temores, para repensarmos como o medo decorre de um tipo de afeto coercitivo dentro da sociedade.

Outra atividade desenvolvida dentro do tema foi à criação de uma receita para espantar o medo, deixando-os assim corajosos para o dia-a-dia. Reunidos em grupo de quatro a cinco alunos, essa é uma atividade de pensamento coletivo, eles foram elaborando uma receita com ingredientes bem malucos, e colocando de alguma maneira o medo de cada um como antídoto. Os grupos elaboravam receitas para medos coletivos, eles expunham seus medos, e buscavam estratégias para solucionar-los a partir da receita que elaboravam. Uma forma de coletivar os medos e ansiedades, mais uma vez mostrando que o medo de um colega pode ser semelhante ao medo do colega ao lado, então eles percebem que além da verbalização daquilo que lhes causa medo eles juntos se tornam mais fortes e potentes. Todo o processo foi realizado de uma forma bem lúdica, sempre tendo a arte e suas múltiplas linguagens como base para o processo de

criação. “Essa cultura lúdica não está fechada em torno de si mesma ela integra elementos externos que influenciam a brincadeira.” (Brougerère, 2010:54). O brincar é um exercício de compreensão da integridade na criança, é sua forma de explorar e entender o mundo. De construir e desconstruir conhecimentos.

Receita: Torta Morgana, contra medo de leão.

2 Raspas de rinocerontes peludos, 1 xícara de óleo de fígado de bacalhau;

3 Pelos de gamba fedidos, uma pitada de sal do Himalaia;

1 Pata de pato da mongolia, agridoce, 20 pedras arenosas;

2 Olhos de lagartixa morta, 12 unhas frescas de gato pardo.

Modo de preparo: Misture tudo lentamente até formar uma gororoba, deixe descansar por duas horas, então forno por 45 minutos.

Inúmeras atividades foram exercidas sempre de forma lúdica, visando o brincar, aliviando assim a tensão dos momentos de ansiedade. Apresento através de fotografias (Figura 3, Figura 4, Figura 5, Figura 6, Figura 7, Figura 8, Figura 9, Figura 10) alguns exemplos do processo de criação e poética das crianças envolvidas.

Conclusão

O imaginário é a faculdade que a criança tem de criação, de resignificação, de criar novos mundos, sabendo-se que não existe um só mundo para se representar e sim múltiplas formas de representações e interpretações de mundo. Partindo desse princípio percebe-se que as crianças estabelecem facilmente relações com o mundo ao seu redor. O ensino de arte deve proporcionar o desenvolvimento da percepção e sensibilidade para possíveis leituras de mundo. A arte deve inter cruzar caminhos, criar novos sentidos e direções. A interdisciplinaridade presente nas atividades traz uma maior compreensão do mundo global em que vivemos.

A escola deve ser um laboratório, uma oficina experimental para o aprendizado individual e coletivo, um local de construção, um território de atravessamento, e a matéria que prima — a palavra, o corpo — como possibilidades de investigação. A escola também pode ser um aliado potente para realização de experiências multissensoriais. Desenvolver em cada criança as habilidades analíticas necessárias para uma compreensão de mundo e habilidades de criação para transforma-lo e ou modifica-lo.

Dar ênfase as relações que esse espaço escolar permite e as funções que podem ser conectadas.



Figura 7 · Filippa Jorge, moldando o medo, 2018.

Fonte: própria.

Figura 8 · Filippa Jorge, dando corpo ao medo, 2018.

Fonte: própria.



Figura 9 · Filippa Jorge, mascarando o medo, 2018.

Fonte: própria.

Figura 10 · Filippa Jorge, picando e reconstruindo o medo em pedaços, 2018. Fonte: própria

Atividades variadas, sempre voltadas a uma aguçada escuta dessa criança, podemos enfrentar tudo aquilo que causava ansiedade e angústia nelas. Partindo do lúdico que é uma das vias de acesso a linguagem da criança, cria-se um forte vínculo de aprendizagem e desenvolvimento de múltiplas facetas para enfrentamento de situações do dia-a-dia que a princípio traziam medo e ansiedade, e agora de forma aliada a criança se transformou em uma fonte de relação e ensinamento. Um caminho para aprender e se libertar. “Percebi que somos maiores que os nossos medos.” A. B. 8 anos.

Referências

Brougère, Gilles. (2010) *Brinquedo e cultura*. São Paulo. Cortez

Larrosa, Jorge. (2015) *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. São Paulo: Ed. Autêntica.

Rinaldi, Carla. (2012) *Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender*. São Paulo-SP. Paz e Terra.

Trindade, André. (2016) *Mapas do corpo, educação corporal de crianças e adolescentes*. São Paulo: Summus.